

Miguel Rovisco

Trilogia Portuguesa



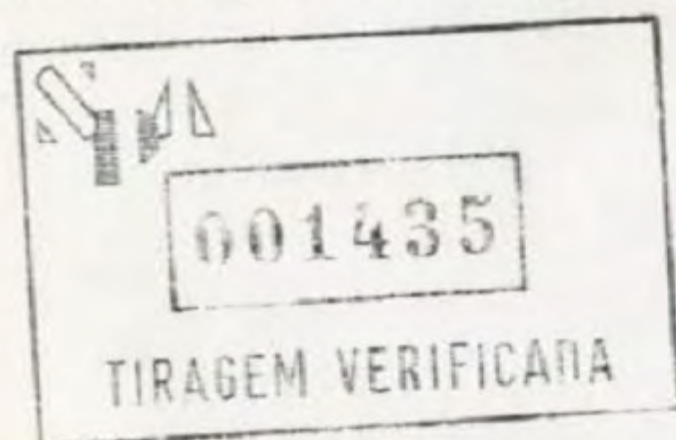
rolim

PALCO

- ALMA, de Mário de Sá-Carneiro e Ponce de Leão
Nota introdutória de Luiz Francisco Rebello
- D. JOÃO NO JARDIM DAS DELÍCIAS, de Norberto Ávila
Menção Honrosa do Prémio Nacional de Teatro, 1986
- ZACA ZACA, de António Torrado
Menção Honrosa do Prémio Nacional de Teatro para a Infância e Juventude, 1986
- TRILOGIA PORTUGUESA, de Miguel Rovisco
Prémio Nacional de Teatro, 1986

A publicar:

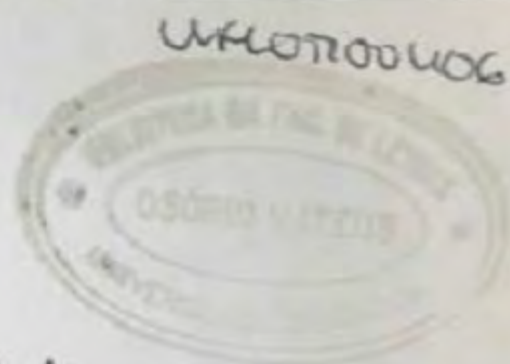
- O PRÍNCIPE IMPERFEITO, de Clara Pinto Correia



TÍTULO — TRILOGIA PORTUGUESA
AUTOR — Miguel Rovisco
COLECÇÃO PALCO
DIRECÇÃO DE COLECÇÃO — Sara Góis
CAPA — Graça Martins
TIRAGEM — 2000 exs.

© edições rolím
Apartado 3079
1302 Lisboa Codex
Maio de 1987

MIGUEL ROVISCO



TRILOGIA PORTUGUESA

- O BICHO
- A INFÂNCIA DE LEONOR DE TÁVORA
- O TEMPO FEMININO



rolim

III

O TEMPO FEMININO

Drama em Um Acto

PERSONAGENS

HELENA

DEBORA

D. MARIA

D. AMARAL

D. ENCARNAÇÃO

D. CECÍLIA

GOVERNADOR

DOS HOMENS

UM CHAPÃO

O TEMPO FEMININO

Distrito em Um Acto

Personagens

D. MARIA I, RAINHA DE PORTUGAL
HENRIQUETA JÚLIA, DUQUESA DE LAFÕES
ROSA, CRIADA NEGRA
DAMA AMARELA
DAMA VERDE
DAMA AZUL
DAMA ENCARNADA
CRIADA CEGA
CONFESSOR
DOIS HOMENS
UM CHIMPANZÉ

Portugal, segunda metade do século XVIII.

CENA I

Um quarto sem janelas e sem espelhos. O papel da parede tem grandes flores pintadas.

À esquerda, uma porta; ao canto, um oratório: uma cruz, imagens de santos, rosários.

À direita uma lareira apagada, grande de mais para o tamanho do quarto, para onde se encontram atirados vários jornais; ao canto, inúmeras jarras cheias de flores, plantas trepadeiras pelas paredes — como que uma pequena floresta. Há igualmente jarras com flores no oratório, sobre a lareira e algumas — poucas — espalhadas pelo chão: todas as flores murchas.

Sentada diante de uma mesa redonda, de colcha florida, encontra-se Henriqueta Júlia, olhando com frieza

para uma mulher ajoelhada perto do oratório: trata-se de D. Maria, com um xaile pelas costas, que reza num murmúrio irregular.

Duas velas acesas — uma sobre a lareira, outra no oratório — iluminam fracamente o quarto.

Ouvem-se cães ladrar, muito longe. Decorrem alguns momentos.

A porta abre-se em silêncio e entra uma criada negra, vestida com muitas rendas e fitas coloridas: chama-se Rosa. Com um tabuleiro nas mãos, olha servilmente para D. Maria.

Henriqueta, sempre com frieza nos olhos e nos gestos, faz-lhe sinal para poisar o tabuleiro sobre a mesa. A criada executa.

Por breves instantes, Rosa olha fixamente para a mulher sentada.

Henriqueta (Num sussurro, ríspida.) Não me olhe.

A criada sai, fechando a porta.

Pausa.

Henriqueta, com a ajuda de uma faca, começa a descascar uma laranja que vinha no tabuleiro, cortando a casca aos pedaços.

D. Maria (Ajoelhada diante do oratório.) Amen, Jesus, amen, Jesus... amen, amen, amen...

À mesa, Henriqueta encolhe os ombros.

D. Maria desajoelha-se benzendo-se repetidamente. Com um rosário nas mãos, dá alguns passos inseguros pelo quarto.

D. Maria (Parando diante da lareira muito escura, esfregando os braços com frio.) Se eu fosse livre, não estaria aqui. (Pausa longa. Afasta-se da lareira, beijando o rosário.) Virgem Maria... (Dirige-se até à mesa.) Hoje demorei ainda mais tempo, creio.

Henriqueta (Levantando-se e fazendo uma vénia.) Senhora...

D. Maria Deixe-se de cerimónias, continue sentada — que lhe importa quem eu sou?

Silêncio por parte de Henriqueta, que torna a descascar a laranja.

D. Maria (Insistente.) Fiz-lhe uma pergunta. (Silêncio.) Vejo que não me quer responder: não é amiga de respostas.

Henriqueta (Acabando de preparar a fruta.) Aqui tem: a sua laranja.

D. Maria Nem de respostas nem de palavras: prefere o silêncio... — estou a falar de si, menina!